Passe sob transferência*

Roseli Maria Rodella de Oliveira

Quando em 1995, na fundação da EBP, foi criado o dispositivo do passe, a partir da segunda proposição de Lacan, na Carta aos Italianos, deparei-me com duas possibilidades interessantes:

Ser membro de uma Escola que se propunha nos moldes de Lacan, ou seja, uma Escola que coloca no centro o desejo de saber o que é o analista; e passar pela experiência do passe – pois pensava no dispositivo, que é o mesmo, tanto para o passe de entrada como para o chamado "de final".

Após quase quatro anos dessa experiência e depois de termos passado por uma crise na EBP e por conta disso dela saído, restaram algumas questões:

• Se todos ainda desejamos saber o que é um analista, devemos reeditar o passe para nomear o analista em uma futura Escola?

• Deveremos reeditar a entrada na Escola pelo passe?

• Que efeitos a experiência do passe pode produzir em uma análise, uma vez que se trata de um passe sob transferência?

• O que o passe de entrada ou a entrada pelo passe visa verificar se o analisante ainda não atingiu o momento de passe em sua própria análise?

Quando Lacan propôs, na Carta aos Italianos, a entrada na Escola pelo passe, parece-me que ele falava do passe diferentemente daquele que vivi na EBP e que podemos chamar de passe sob transferência, pois os passantes não teriam que estar necessariamente em final de análise e o Cartel do passe não estava autorizado a nomear AEs. Hoje sabemos o engodo que foi essa proposta de passe de entrada na "Ebepê".

Na primeira proposta de Lacan sobre o passe, e na segunda, da Carta aos Italianos, onde fala de passe de entrada na Escola, ele pensava em passe no sentido de verificar se houve a passagem de psicanalisante a psicanalista. Ou seja, para a Escola Italiana ele propunha que fosse composta de AEs. Lacan não fez uma proposta de passe na entrada como membro da Escola. Confesso que o depoimento de Quinet, "As três entradas" (*Opção Lacaniana n. 21*), e a minha experiência com o dispositivo, apesar da crise e as questões concernentes ao passe que dela restaram, me levaram à crença no dispositivo.

Divido esse relato em três partes:

Que efeitos o passe de entrada pode produzir em uma análise?

Deveríamos repetir a experiência do passe nos mesmos moldes?

Como reconhecer o analista?

Então, que efeitos o passe de entrada pode produzir em uma análise? No momento em que vivi a experiência, percebi mudanças de posição subjetiva que hoje, penso, só puderam acontecer porque já tinha um percurso de análise e o passe possibilitou um certo grau de visibilidade (o saber que se pode extrair). Meu percurso

* Trabalho apresentado no Rio de Janeiro em março de 1999.

analítico colaborou nessas mudanças no sentido de que elas não poderiam mais ser proteladas. Quinet usou a analogia dos óculos subaquáticos que melhoram a visibilidade do fundo do mar possibilitado pelo relato do passante, mas, principalmente, dos passadores (Lacan identificou o passe aos passadores), e eu na época da experiência fiz uma analogia com o cinema. No que se refere ao relato do passante sobre o que está sendo sua experiência com a análise, este toma uma certa distância, com mais clareza do que na análise, e assim como no cinema, onde um espectador vê sua história sendo contada, aparecendo numa tela, como se fosse a própria vida. O sujeito sabe que é ele o ator principal, mas não sofre e não se angustia porque não é a vida real, ou seja, não se trata aí da repetição inconsciente do analisando.

Uma questão muito delicada para o sujeito em análise é falar de si para outro sujeito que não o analista, porque existe a possibilidade de atribuição de saber a outro que não o analista e então ocorrer alguns *acting-out*, ou seja, o analisante não encontra o significante para dizer a verdade numa análise e pode dizer ao passador. Um passe sob transferência oferece condições para que ocorram essas duas situações que considero problemáticas para a análise. O próprio dispositivo imbui os passadores, os membros do cartel, e até mesmo os secretários do passe de uma posição agalmática, um lugar de saber atribuído pela própria Escola. Exemplo claro disso é quando se escolhe um êxtimo com "experiência no cartel do passe" ou quando falamos de um AE como "ex-AE". Aqui cabe também interrogar-nos: o que acontece com atribuição de saber aos analistas que não foram nomeados pelo Cartel?

Ao falar da análise, que é uma experiência muito privada, não convém trivializá-la fazendo com que um outro sujeito que não o analista, o passador ou outro, venha contaminar a experiência com o Sujeito suposto Saber. Todos sabemos que os analisantes falam de si para outras pessoas, no seu cotidiano, não com a conivência do analista, mas se o analista acha legítima a demanda de passe do analisante, ainda sob transferência, pode estar colaborando na contaminação da análise. Então torna-se crucial saber o que se demanda.

Na entrevista que fiz com um membro do secretariado do passe, considero ter havido contaminação da atribuição de saber ao analista a partir de uma interpretação que este secretário fez. Na medida em que o secretário falava de um lugar, representando a Escola, ele já ocupava um lugar de saber, outorgado pela própria Escola e aí está o perigo de contaminação!

Penso que o secretariado do passe deve ser "bem escolhido", tal como os membros do Cartel e os passadores. Mas por outro lado esta questão sobre a seleção dos membros, dos passadores, dos secretários, faz da "boa escolha" uma dificuldade. Me pergunto o que seria uma "boa escolha", mesmo com a indicação do critério de Lacan de que os passadores deveriam estar em fim de análise ou próximo do final. O secretário do passe ou mesmo o passador pode realizar uma interpretação que, vinda de um A que não o analista, é sempre problemática para um passante sob transferência, podendo contaminar a experiência, com o Sujeito suposto Saber.

No que se refere à transferência, percebi que é mais fácil falar sobre ela no dispositivo do passe, fora da transferência, já que a concebemos como analisante como uma reedição. É difícil refletir sobre a transferência na própria análise, pelo

motivo que Freud aponta em "Recordar, Repetir, Elaborar"; pois é na análise que ela ganha o seu estatuto de real, com o conceito de transferência como repetição – não uma repetição de ordem histórica, mas como colocação em ato da realidade sexual do analisante.

Cito Freud: "... devemos tratar sua doença não como acontecimento do passado, mas como força atual". Corre-se então o risco de algo ser dito ao passador e que ainda não pôde ser dito ao analista. O segundo ponto é: devemos repetir a experiência do passe nos mesmos moldes propostos por Lacan?

Uma questão da minha experiência no dispositivo do passe de entrada na EBP, que me fez eco desde a crise instaurada na AMP, é: o passe é um fracasso? Eu fui ler Elizabeth Roudinesco. Foi a primeira coisa que fiz para saber o que tinha acontecido com o passe na época de Lacan e nesse tempo todo eu não tinha me despertado para essa leitura.

Certamente o que ficou, em primeiro lugar, ao reler a história do passe, é que ele fracassa enquanto dispositivo que se presta a nomear. Os problemas surgidos nas Escolas, na minha opinião, giraram em torno disso, do poder da nomeação. Essa foi a principal preocupação da AMP, como nos relembrou Margarita Uribe no texto "*Politización del Passe o política do Passe*" onde ela enfatiza "um disfuncionamento do procedimento e uma utilização deste com objetivos de poder".

Mas será que se trata apenas de uma disfunção do procedimento ou será que entrou em jogo o que Lacan chamou de o real na formação do psicanalista? Se podemos, tal como no texto de Jairo Gerbase para a rede de foruns – "Trata-se de não entregar os pontos" –, levantar a hipótese de que os psicanalistas estão sujeitos ao automatismo de repetição, inconsciente, tal como em todo grupo social, penso que a utilização do passe para fins políticos pode mais uma vez ser reeditada. Por que estariam os analistas imunes a este automatismo?

Será mais um engodo, tal como eu já havia me perguntado em um texto que apresentei em 92, no Fórum de Iniciativa Escola, sobre a posição de rebotalho do analista, quando retomei Freud no seu conceito sobre a pulsão, onde ele indica que toda pulsão implica uma reversão a seu oposto? Lacan inclusive se pergunta perplexo, no seu texto de 1953 (*L'Étourdit*), que também citei neste trabalho, sobre a experiência do passe, por que será que alguém que reduziu seu analista ao representante da representação, que é o objeto *a*, ou seja, uma merda, iria querer ocupar essa posição? O que faz com que alguém queira estar nesse lugar de dejeto? Que posição é essa em que estamos nos colocando acima dos comuns seres mortais? Somos imunes ao narcisismo? Acredito que há mais ensinamento nesta questão do que em atribuir o fracasso do Passe aos efeitos de conjuntura política da AMP.

A seleção "ideal" dos integrantes do dispositivo do passe é utopia. O julgamento dos membros do Cartel, do relato dos passadores, está ligado a seus percursos analíticos. Também ter realizado um final de análise não imuniza as pessoas dos preconceitos, das preferências, dos julgamentos e da utilização política do passe.

Peguei recentemente o texto de Bernard Nominé, de sua fala em São Paulo. Ele diz que "na AMP colocam-se os AEs nomeados sobre um *podium* e comove-se as multidões com seus testemunhos. Mas que com esse título qualquer um pode testemunhar de suas coisinhas e seduzir a multidão". Eu vou mais além, acho que

o título AE, após Lacan, por si só já inclui o ideal dos analistas. Será possível desidealizar o título de AE?

Proponho, então, que pensemos no passe não para nomeação de AE ou membro da Escola, mas como um procedimento que pode contribuir com os analistas para a elaboração do saber inconsciente, o qual se convencionou chamar clínica do passe, ou seja, a Escola como o lugar a se depositar o saber produzido no percurso analítico. Nominé, citando Lacan, em São Paulo, demarcou esse pensamento: "A escola instaura entre seus membros uma comunidade de experiência cujo âmago é dado pela experiência dos praticantes". Aqui, logo de imediato, me vem uma questão: por que alguém iria fazer o passe livremente se não tivesse nomeação? Que interesse teria o passe sem nomeação? Será que o passe, com a finalidade de enriquecimento da doutrina analítica, despertaria a mesma atenção? Se para Lacan o passador é o passe, então a meu ver o mais importante não é a nomeação que faz o Cartel. Ao Cartel restaria a tarefa de teorizar, de doutrinar.

Terceiro ponto: Ficamos ainda com uma questão problemática: como então reconhecer os analistas? Para a IPA bastaria análise didática. Na proposta de Lacan, o Cartel do passe nomeia. Na Carta aos Italianos Lacan diz: Como reconhecer a condição suficiente, ou seja, o momento do passe? A condição necessária, todos sabemos, se refere à analise e esta condição não pode ser substituída por nada. Gostaria de pensar em outra questão: o "não poder tudo dizer" pode ser mais reduzido com a experiência do passe? Ou devemos deixar essa tarefa somente para a análise? Neste trabalho eu estava um tanto embaraçada com essa questão, se isso era um tarefa que deveríamos deixar para o passe ou somente para a análise, porque o dispositivo dá a possibilidade de visualização da análise. É muito interessante o que o passe produz; então, num primeiro momento, eu fiquei com essa questão. Então levantei alguns pontos para debatermos sobre isso e vou desenvolvê-los a seguir.

O analista deveria ter uma relação diferente com a causa analítica. Diferentemente de uma análise, onde o sujeito não se autorizou por si mesmo, para o analista seria necessário um maior número de reduções sucessivas do não-saber que se sabe. Elaborações do não-saber contra a força de atração do recalque. Justamente por causa desse caráter evanescente do inconsciente. Esse exercício de poder escrever sobre o que foi essa experiência dá a ilusão de materialidade, mas é ilusão porque, depois de passado algum tempo, vem novamente a força de atração do recalque. Aqui eu gostaria de retomar um texto de Freud: "Construções em Análise". Tenho a impressão que não damos a este texto a devida importância. Nele Freud fala da construção como tarefa do analista, assim como a interpretação. Gostaria de retomá-lo pelo motivo que Lacan considera que a construção é o analisante quem faz. Em 37 Freud estava preocupado com o final da análise e logo após, em "Análise Infinita", ele escreve "Construções em Análise". Em ambos os textos ele se depara com o fato de que no final da análise sempre sobra um resto, que Lacan chama de o significante do Outro barrado, e percebe que esta barra do recalque nunca se levantará completamente. Então ele inventa a construção porque está preocupado com a inconsistência da verdade, já que só podemos semi-dizê-la. Não podemos recuperar todas as lembranças. O inconsciente recalcado se apresenta sob aspecto fragmentado e a interpretação toca um desses elementos. A construção faria a ligação

desses elementos, no sentido de que ela é uma elaboração de saber mas só pode ser uma elaboração provocada. Acho que a teoria lacaniana do final da análise como Identificação ao sintoma poderia nos ajudar no que Freud pensou como construção, pois é nesse momento que Lacan vai dizer que no final da análise é preciso a invenção de um significante novo.

O passe dá materialidade à experiência subjetiva porque, como diz Lacan no *L'insu* (aula de 15/02/77), "no passe, de que se trata é de se reconhecer entre [*s*(*av*)*oir*] (isso, saber, ter, noite) ... se reconhecer entre saber." Seria ele um dispositivo que permite reduções sucessivas, indo contra a análise infinita? Ou essas reduções devem acontecer na análise? Eu me perguntei a partir da experiência no dispositivo do passe e dessa frase de Lacan, mas hoje minha tendência é pensar que a interpretação não dá conta, e vemos que Freud vai pela via da construção, já que ele se deparou com seus embaraços sobre o final da análise. Um esforço de elaboração para o analista, numa tentativa de transpor uma barreira contra a força de atração do recalque, que insiste em manter o não-sabido.

Lacan continua dizendo neste texto, do que se trata no inconsciente é que ele é uma entidade com a qual se trata de saber lidar no sentido de que o S_1 não pode ser nomeado e para isso deve haver uma elaboração provocada. Minha tendência é pensar que essa questão sobre a elaboração – que deve ser provocada, que a interpretação não dá conta, como bem viu Freud –, deve ser novamente retomada e reenviada para nossos estudos sobre o final da análise do analista.

Se reconhecer entre saberes não nos leva a supor o reconhecimento do analista por outro analista. Em uma análise, do que se trata é de que, com a associação livre, o analisando, dialogando consigo mesmo, se reconhece no que fala, se reconhece no saber. O Outro é o saber. Se no passe o passador é o passe, se reconhecer entre saber seria entre o passador e o passante, que supostamente estão no mesmo momento da análise.

O passador testemunha o reconhecimento que o passante passou e o Cartel doutrina. Dois analisantes – o passante falando para o passador – podem se reconhecer entre saberes. O passante se reconhece, a partir do passador, enquanto analista, e o passador que testemunhou isso se torna analista?

Bom, para concluir eu gostaria de dizer que para mim o passe é um conceito para ser articulado com o fim da análise e não com a Instituição, como foi feito até agora na AMP. Que o próprio Lacan, segundo Rudinesco, compara o passe a um "impasse" nas Assembléias da EFP em 1978. Pensar justamente nas causas do malogro que ela aponta nunca foi objeto de reflexão teórica. Acho que este é o nosso avanço, poder colocar o passe em questão.

Será que era isso que queria Lacan ao nos colocar justamente suas dúvidas sobre o dispositivo em "Momento de Concluir" (aula de 10/01/78)? "...nessa história de passe fui conduzido, posto que o passe fui eu quem inventou, a produzir em minha Escola na esperança de saber o que exatamente podia surgir no que se chama de o espírito de um analisante para receber pessoas que vêm lhe demandar." Ali ele estava definindo o final da análise pois alguém esperava algumas luzes sobre este final num Congresso da Escola que tratou justamente do passe. Mas Lacan não parece desistir; ele sugere uma alteração no dispositivo ao dizer sobre o momento do passe,

que "talvez se pudesse fazer isso por escrito... Passar pelo escrito tem uma chance de estar um pouco mais perto do que se pode atingir do real, do que se faz atualmente, visto que tentei sugerir à minha Escola que pudesse nomear passadores... Asseguradamente, escrita no Inconsciente, sonho, lapso, chiste, se definem pelo legível... O legível, é nisso que consiste o saber."

E finalmente, toda essa casuística que acompanhamos, onde o analista do Caso B diz: como não nomear um trabalhador decidido?, o caso Estela Solano que após nomeada AE volta à análise e o caso do membro da entrada na Escola pelo passe – o "passe sob transferência"– que é uma interpretação equivocada da Carta aos Italianos, parece nos mostrar que o passe hoje é um dispositivo utilizado pela AMP, senão exclusivamente, pelo menos, preferentemente em sua dimensão política e institucional do que em sua dimensão clínica, e, portanto, em relação ao fim da análise e à questão de saber essa coisa essencial que se poderia formular assim: o que é que determina uma escolha profissional, vocacional, ou de modo mais restrito, o que é o analista?